

## **Idosos na Sociedade em Rede?<sup>1</sup>**

Clareana Oliveira RODRIGUES<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### **RESUMO**

A Sociedade em Rede já é uma realidade com o avanço dos serviços de Internet nas diversas áreas. Entretanto, resta saber como uma parcela significativa da população que vem crescendo nos últimos anos, os idosos, que não nasceram nessa conjuntura, se adaptam a um novo modo de relação entre os processos simbólicos? Estas são algumas reflexões iniciais para a realização de uma pesquisa que tem como objetivo verificar como as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) estão presentes no cotidiano dos idosos participantes do projeto “Ação Inclusão Digital”, pertencente a Universidade da Terceira Idade (UNITERCI), da UFPA.

**PALAVRAS-CHAVE:** TICs; Sociedade em Rede; Idosos; Internet; Comunicação.

### **1. INTRODUÇÃO**

[...] o que a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas, sim, um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços: um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.54).

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) estão presentes na vida de uma grande parcela da sociedade em atividades como ir ao banco, conversar com amigos e ouvir música. Um novo modo de relação entre os processos simbólicos, como afirma Martín-Barbero, que transforma o conhecimento em uma força produtiva, é experimentado principalmente por jovens que nasceram a partir da década de noventa e que já estão familiarizados com uma dinâmica social que para pessoas que não nasceram nessa conjuntura é algo novo, diferente e por vezes complicado.

Parte da população se adaptou a uma nova ambiência no trabalho, na escola e no lazer, mas será que esse é o caso dos idosos, faixa etária que vem crescendo nos últimos anos com o avanço da tecnologia aplicada principalmente a saúde? Afinal de contas, o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, email: [clareanarodrigues@gmail.com](mailto:clareanarodrigues@gmail.com).

mundo se tornou digital e a partir da década de 70, as novas tecnologias da informação difundiram-se amplamente, acelerando seu desenvolvimento e convergindo em um novo paradigma<sup>3</sup> (CASTELLS, 1999).

A relevância, portanto, está em saber aplicar conhecimentos e informação para gerar conhecimentos e dispositivos de processamento e comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre as novas descobertas e seu uso. Para Castells (1999, p.70), portanto, “a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem”. Entretanto, existem grandes áreas do mundo e consideráveis segmentos da população que estão desconectados do novo sistema tecnológico.

Bernardo Sorj (2003) analisa a questão da “exclusão digital”<sup>4</sup> como um dos campos de discussão da dialética existente entre igualdade e desigualdade. Para ele, ambos os processos coexistem e o resultado final dependerá da apropriação criativa e do esforço de indivíduos, grupos, empresas e ONGs.

## 2. NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Na contemporaneidade, as novas tecnologias tornaram-se condição fundamental da integração da vida social e a luta contra a exclusão digital acontece ao mesmo tempo e articulada com as políticas sociais de luta contra as desigualdades sociais. Entretanto, é necessário salientar que a luta contra a exclusão digital não substitui o elenco de medidas para enfrentar a pobreza, a desigualdade social e uma de suas mais terríveis consequências, a violência urbana. Ela é apenas uma das dimensões dessas lutas (SORJ, 2003).

A crescente complexidade associada à luta contra a desigualdade social sugere novos desafios ao planejamento estratégico das ações governamentais e aos formuladores de políticas sociais. As políticas dirigidas à diminuição da exclusão digital devem ser um componente das políticas públicas, mas não uma resposta para todos os problemas sociais e econômicos. O mesmo vale em relação à *e-educação* e aos problemas gerados pelo declínio da performance escolar. A procura de receitas simplistas é uma constante nos países em desenvolvimento, e a Internet é importante demais para que seja agregada ao ciclo de fórmulas

---

<sup>3</sup> O paradigma tecnológico é caracterizado por redes, conceituado por Castells (1999, p.566) como um “conjunto de nós interconectados” estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores). As conexões que ligam as redes representam instrumentos privilegiados do poder. Assim, os conectores são os detentores de poder.

<sup>4</sup> Distribuição desigual dos recursos associados às tecnologias da informação e comunicação (SORJ, 2003).

miraculosas, que são posteriormente abandonadas por não corresponder às falsas expectativas (SORJ, 2003, p.75).

A pesquisa TICs Domicílios 2011, realizada entre novembro de 2011 e janeiro de 2012 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (CETIC), revela que 85% dos indivíduos com mais de 60 anos nunca usou o computador. Em contrapartida, cresce a posse do computador e internet nos domicílios e as tecnologias móveis avançam. O uso da Internet no domicílio substitui o acesso nas *lan houses* e cresce a proporção de brasileiros que compram na Internet. Entretanto, as desigualdades regionais ainda são desafio para posse e uso das TICs e o preço e disponibilidade de infraestrutura ainda são barreiras (BARBOSA; CAPPI; JEREISSATI, 2011).

Quadro 1- Proporção de Domicílios que Possuem Equipamentos Tic

Percentual (%)	Televisão	Telefone celular	Rádio	Telefone fixo	Computador de mesa	Antena parabólica	Console de jogo / videogame	TV por assinatura	Computador portátil
Total Brasil	98	87	80	37	36	32	22	20	18

Fonte: NIC.br, nov. 2011 a jan 2012. Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/tic/2011-total-brasil/>>. Acesso: 25 jun 2012.

Mas será que a internet é utilizada como fonte de conhecimento e/ou desenvolvimento intelectuais? Todos os fatores anteriores se convergem nos usos que se faz, e estes, por sua vez dependem da capacidade que os usuários e os segmentos sociais e instituições tem em se apropriar criativamente do conteúdo e desenvolver aplicações que respondam aos problemas econômicos, sociais, políticos e culturais. Ou seja, àquela formação oferecida pelo ambiente escolar, por exemplo, é um pré-requisito para que depois esse conhecimento seja multiplicado em rede. Portanto, “enquanto parte da população dos países em desenvolvimento continuar mergulhada no analfabetismo e semi-analfabetismo, a universalização do acesso a Internet, independente da expansão das infraestruturas será uma quimera” (SORJ, 2003, p. 68).

Entre os serviços digitais destacados pelo autor, estão a comunicação, a educação, a cultura, a saúde, o governo e os conteúdos sociais. Como pensar o uso dessas novas ferramentas por grupos sociais diferenciados, que tiveram de se adaptar a esta nova conjuntura? Quais as dificuldades enfrentadas na apropriação dessa linguagem?

Na comunicação, por exemplo, o autor destaca o potencial da internet como instrumento de comunicação, com o email, que é mais utilizado entre os usuários de renda

alta, já que todos os participantes da rede de relação devem ter acesso a internet. Essa diferenciação também vale para contatos internacionais, excetuando aquelas famílias pobres que tem membros que trabalham no exterior. Nesses casos, a Internet passou a ser importante auxílio na comunicação.

No campo da cultura, Bernardo Sorj, destaca a criação de bibliotecas virtuais, que não somente proporciona o acesso escrito da humanidade a países sem condições financeiras de construir as bibliotecas “tradicionais”, como também leva aos estudantes de escolas e universidades destes lugares o contato com uma bibliografia que não teriam acesso de outra maneira.

Para a saúde, embora a Internet seja a solução para locais onde a quantidade de médicos é insuficiente, são esses mesmo lugares que apontam dificuldades de recursos e pessoal treinamento para desenvolver atividades em telemedicina. Outras utilizações como a modernização dos sistemas de administração e organização do sistema de saúde são percebidas em países em desenvolvimento, assim como no controle de epidemias e participação em sistemas internacionais de monitoramento. Mas outra melhoria está na disponibilização de bibliotecas virtuais para os médicos e distribuição de informação entre os profissionais da saúde, principalmente no caso de campanhas.

As utilizações para o governo contribuem, segundo o autor, para a diminuição da ineficiência e a apropriação privada do Estado pela burocracia, que transforma o governo em fonte de favores, propinas e corrupção sistemática. Mas é necessário que esses serviços não sejam só acessíveis para os cidadãos com acesso, deve-se permitir também a abertura de outros canais de comunicação entre o governo e o cidadão, como o telefone e o contato direto ao público.

Na área da educação, existem apropriações decorrentes da entrada da Internet na modalidade que já existia de ensino a distância e na comunidade científica dos países em desenvolvimento. No segundo caso, ela facilitou sua inserção em redes internacionais especializadas e incrementou a participação em redes internacionais de intercâmbio científico. Sobre os usos em escolas, o destaque relaciona-se aos treinamentos que utilizam internet e videoconferência, bem como as redes escolares que oferecem aos professores e alunos programas e materiais didáticos continuamente atualizados.

A respeito das aplicações e avanços das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) no campo da educação, SCHNEIDER (2009), faz um resgate histórico

das pesquisas, enfatizando a informação, o conhecimento e a interação como subsídios para o aprendizado e a construção de novos saberes.

Disponibilizar situações e atividades através das mídias, para a construção de novos conhecimentos, nos espaços educacionais, que possibilitem ao jovem, desde a formação fundamental até o término do ensino superior, estímulo para interferir na melhoria das condições de vida de sua comunidade, conscientizando-o do seu papel como cidadão (SCHNEIDER, 2009, p. 198-199).

Schneider (2009) ressalta as articulações que ocorreram e ainda ocorrem entre os campos da educação e da comunicação e comenta as expectativas educacionais com os avanços digitais, abordando algumas iniciativas de projetos, inclusive abarcando ambientes cooperativos e de integração já existentes na Rede. Cita ainda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, dentro das Políticas de Educação, especialmente em se tratando de educação a distância, que aponta para um cruzamento de caminhos das duas áreas, objetivando formar um cidadão que atenda às necessidades impulsionadas pelas transformações tecnológicas e a produtividade de forma expressiva, sob a égide de um novo cenário social e cultural.

Embora a educação busque acompanhar os movimentos históricos, numa relação de cumplicidade com as necessidades e os objetivos da demanda social vigente, é visível o crescimento de um contingente cada vez maior de infoexcluídos, o que, conseqüentemente, acirra a desigualdade entre as classes sociais e, por sua vez, dificulta a ampliação do exercício da democracia por todos os atores sociais. Portanto é indiscutível o fato de que o acesso à informação e a uma educação, capaz de transformar essas em conhecimento, são fatores decisivos para a ampliação das possibilidades de inserção no mercado de trabalho, assim como acesso a qualidades fundamentais para o exercício da cidadania, na atualidade. (SCHNEIDER, 2009, p. 208-209)

Por fim, a autora acentua que o cenário característico da sociedade da informação e o surgimento das novas tecnologias de mídias digitais desafiam a sociedade civil organizada a buscar novos rumos de organização e novas formas de gestão da informação, onde exista controle e fiscalização, a fim de garantir a formação de cidadãos não só bem informados, mas, sobretudo, livres e autônomos.

Esses são os ideais da maioria dos projetos que envolvem inclusão digital com idosos. Minha aproximação deste tema ocorreu a partir de atividades de pesquisa

relacionadas a inclusão digital<sup>5</sup>, quando identifiquei alguns Usos e Apropriações realizados em um infocentro do Programa NavegaPará<sup>6</sup> e inserção dos idosos nas novas dinâmicas da contemporaneidade<sup>7</sup>, além do contato com as atividades do projeto, situado na Universidade Federal do Pará, Universidade da Terceira Idade – UNITERCI/UFPA, que desenvolve o projeto “Ação Inclusão Digital”, que possibilita o acesso às novas tecnologias ofertando aulas de informática aos idosos.

### 3. A SOCIEDADE EM REDE

O conceito de paradigma da tecnologia da informação utilizado por Castells (1999) tem como características: a informação como matéria-prima; a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias; a lógica das redes; a flexibilidade; e a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema integrado.

Para ele, o paradigma da tecnologia da informação não evolui para seu fechamento como sistema, mas rumo a abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos.

Esse novo processo, cada vez mais organizado em torno de redes, organiza-se em torno dos fluxos, que dificilmente buscam tecnologia pela própria tecnologia ou aumento de produtividade para a melhora da humanidade. Comportam-se em um determinado contexto histórico, conforme as regras de um sistema econômico que no final premiará ou castigará uma conduta.

Castells (1999) chama essa nova economia de informacional porque a produtividade e a competitividade de unidade ou agentes dependem de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. O autor também a caracteriza como global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a

---

<sup>5</sup> RODRIGUES, C. O.; MALCHER, M. A. **Sociedade Informacional**: cenário de implantação do Programa Navega Pará. 2011. Trabalho apresentado no X Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, Boa Vista, RR, 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0355-1.pdf>

RODRIGUES, C. O.; MALCHER, M. A. **Usos e Apropriações em um Infocentro do Programa Navega Pará**. 2011. Trabalho apresentado no X Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, Boa Vista, RR, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2038-1.pdf>

<sup>6</sup> Programa do Governo do Estado do Pará que tem como objetivo promover o acesso as vias de informação. (<http://www.navegapara.pa.gov.br/>)

<sup>7</sup> MIRANDA, F. C. et. al. **O Idoso na Era da eficiência**. Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2303-1.pdf>

circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos.

Por se basearem essencialmente nos conhecimentos armazenados/desenvolvidos na cabeça humana, as redes têm o potencial extraordinário de difusão para além da fonte, contanto que encontrem a infraestrutura tecnológica, o ambiente organizacional e os recursos humanos a serem assimilados e desenvolvidos por meio do processo de “aprender fazendo”.

Para o autor, a experiência do novo está baseada em um passado recente, a Revolução Industrial. A ascensão histórica de algumas regiões está ligada à superioridade tecnológica alcançada durante as duas revoluções industriais.

Nesse novo processo, a mão de obra exclusivamente especializada passa a ser global e a cidade global, para o autor, deixa de ser um espaço, mas um processo. As *megacidades* articulam a economia global, ligam as redes informacionais e concentram o poder mundial, além de serem depositárias de todos os segmentos da população que lutam para sobreviver ou de grupos que querem mostrar sua situação de abandono, para que não morram ignorados em áreas negligenciadas pelas redes de comunicação.

A Sociedade em Rede, em suas várias expressões institucionais, para Castells (1999), por enquanto é uma sociedade capitalista. Mas, pela primeira vez na história, o modo capitalista de produção formata às relações sociais em todo o planeta. Um capitalismo global estruturado em uma rede de fluxos financeiros.

O modelo de Redes é genuinamente cultural de interação e organização social e a informação representa o principal ingrediente de organização social, sendo os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituintes do encadeamento básico de nossa estrutura social.

Thompson (1998, p.46) afirma que a comunicação mediada é sempre um fenômeno social contextualizado. “Dizer que a apropriação das mensagens da mídia se tornou um meio de autoformação no mundo não é dizer que ele é o único meio: claramente não é”.

Assim, é fácil cair no perigo de “focalizar o conteúdo simbólico das mensagens da mídia e ignorar a complexa mobilização das condições sociais que subjazem à produção e circulação destas mensagens” (THOMPSON, 1998, p.20). Dessa forma, com todos esses “obstáculos” não é difícil afirmar com Wolton (2006, p.17) que, por mais que possamos

dizer que estamos fazendo comunicação “seis bilhões e meio de computadores não bastariam de modo algum para assegurar mais comunicação entre homens”.

Tendo suas lutas ligadas diretamente às demandas da sociedade, a Universidade da Terceira Idade procura inserir os sujeitos proporcionando uma formação social ao idoso presente em uma realidade marcada pelos constantes fluxos, em que a produtividade e a capacidade de transformar informações em conhecimentos aplicáveis são um dos principais pilares (CASTELLS, 1999).

A economia eletrônica não pode mais funcionar sem profissionais capazes de navegar, tanto tecnicamente, quanto em termos de conteúdo, nesse profundo mar de informação, organizando-o, focalizando-o e transformando-o em conhecimento específico, apropriado para a tarefa e o objetivo do processo de trabalho. [...] Na economia eletrônica, os profissionais devem ser capazes de se reprogramar em habilidades, conhecimento e pensamento segundo tarefas mutáveis num ambiente empresarial em evolução (CASTELLS, 2001, p. 77).

Essas exigências, porém, excluem os que não se adaptam ao “novo” ritmo. A carreira longa e previsível está desaparecendo e, junto com ela, seus trabalhadores (CASTELLS, 2001, p. 81). Muitos desses são pessoas que já estão no mercado de trabalho, e que ainda não conseguiram se adaptar a essa nova realidade: os idosos de hoje, por exemplo, público da Universidade da Terceira Idade da UFPA.

Grande parte dessa população é excluída da sociedade sedenta de eficiência e rapidez. Entre os motivos da exclusão está o descompasso entre a velocidade e fluidez do mundo de hoje e o ritmo dos idosos. Quando o indivíduo não consegue se encontrar dentro da sociedade e está perdido em um turbilhão de acontecimentos. (JAMESON, 1993, p. 43).

Bobbio (1997 apud MESSINA, 2003) observa o novo formato de relacionamento interpessoal mediado pela tecnologia. O autor contrapõe a agilidade mental que a velocidade exige do “velho” à lentidão dos movimentos do corpo e da mente, que, na velhice, requerem tempos mais prolongados. Ainda segundo o autor:

O velho lida com essa angústia buscando refúgio na memória viva de um tempo estável e equilibrado, de modo a permanecer fiel a valores aprendidos e interiorizados durante a vida. E mantém seus hábitos como forma de resistência às mudanças, [...], não porque não o entenda, mas por falta de vontade, de motivação e velocidade psíquica para compreendê-lo (BOBBIO, 1997 apud MESSINA, 2003, p. 4).

Esses idosos, portanto, passaram por inúmeras mudanças na forma de trabalho e de se relacionar. Muitos deles perceberam a chegada do impresso, do rádio, da TV e, agora, da Internet. Como afirma Wolton (2003), não há nenhum “progresso” entre as mídias; há sim uma lógica de oferta e demanda; depende muito da natureza dos serviços, da preferência dos indivíduos. Por isso, pensar nas transformações ocasionadas pelo avanço das tecnologias da comunicação é relembrar, inclusive, o sucesso que foi o lançamento do telefone celular na década de 90 (WOLTON, 2003).

#### **4. O PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE - UNITERCI -UFPA**

Resultado das alterações biológicas, inerentes ao ser humano, a velhice é uma época em que a saúde torna-se mais sensível, mas esse processo é comum a todos, em maior ou menor escala. Segundo Beauvoir (1990, p. 34), na velhice:

A aparência do indivíduo se transforma e permite que se possa atribuir-lhe uma idade, sem muita margem de erro. Os cabelos embranquecem e se tornam rarefeitos, não se sabe por que [...]. Por desidratação e em consequência da perda de elasticidade do tecido dérmico, a pele se enrugua. Os dentes caem [...]. O esqueleto sofre de osteoporose; a substância compacta do osso torna-se esponjosa e frágil [...].

Todas essas mudanças biológicas traduzem-se em fragilidade, que faz com que os idosos não sejam considerados habilitados em atividades comuns de hoje. Um exemplo disso é o trabalho, como Silva (2000 apud CASTRO, 2011) ressalta:

A idade tem sido motivo de discriminação, mormente no que tange às relações de emprego. Por um lado, recusa-se emprego a pessoas mais idosas, ou quando não, dão-se-lhes salários inferiores aos dos demais trabalhadores. Por outro lado, paga-se menos a jovens, embora para a execução de trabalho idêntico ao de homens feitos (SILVA, 2000 apud CASTRO, 2011, p. 3).

Na década de 1970, os cursos de extensão cultural voltados para a terceira idade foram planejados dentro das instituições brasileiras de ensino superior, motivados pelas mudanças demográficas e comportamentais da segunda metade do século XXI.

A partir de uma ideia do professor Luis Otávio Brito, docente do Centro Tecnológico, atualmente Instituto<sup>8</sup> de Tecnologia (ITEC/UFPA), em 1991, a UFPA também se insere nesse contexto, implantando o Programa de Extensão Universidade da Terceira Idade - UNITERCI, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão, um convênio entre a Fundação Legião Brasileira de Assistência<sup>9</sup> e Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa - FADESP<sup>10</sup> (ALENCAR, 2011).

Aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa em 7 de maio de 1992, o projeto foi implantado no curso de Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA/UFPA). Sendo coordenado pela professora Helene Carvalho, o Programa surgiu, primeiramente, com a formatação de curso livre, com o curso denominado “Atualização Cultural na Terceira Idade”, desenvolvido na época em um ano e meio.

A equipe do Projeto é formada atualmente pela Coordenadora do Programa UNITERCI, Msc. Maria Leonice da Silva de Alencar, socióloga, pela Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento Humano na Amazônia – SENECTUS, vinculado a Capes/CNPQ, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heliana Baia Evelin Soria, Assistente social. Conta com o Apoio Técnico Administrativo da Msc. Denise Tavares, Socióloga/Administradora e tem o Apoio discente das Alunas de Serviço Social Karine Monteiro, Vânia Pimentel e Michele Oliveira, que possuem bolsas ofertadas pela Pró-Reitoria de extensão (PROEX).

Além delas, outros professores e alunos contribuem para o trabalho. As ações também são materializadas com a colaboração de profissionais de Organizações Governamentais e Não Governamentais e pelas diversas Faculdades da UFPA. E, segundo a coordenadora, as ações vêm sendo constantemente reavaliadas, o que possibilita uma melhor prestação de serviços à população idosa (ALENCAR, 2011). A equipe, portanto, é

---

<sup>8</sup> A mudança da nomenclatura de centros para Institutos ocorreu em 2007. Os Institutos são unidades acadêmicas de formação profissional em graduação e pós-graduação, em determinada área do conhecimento, de caráter interdisciplinar, com autonomia acadêmica e administrativa (Estatuto da UFPA, 2007)

<sup>9</sup> A Fundação Legião Brasileira de Assistência - LBA, Fundação Pública, instituída pelo Decreto-Lei n° 593, de 27 de maio de 1969, vincula-se ao Ministério da Ação Social - MAS, nos termos do art. 252 do Decreto n° 99.244, de 10 de maio de 1990. O LBA tem como finalidade participar da formulação da Política Nacional de Promoção e Assistência Social, bem assim estudar e planejar as medidas necessárias a sua execução, em proveito da população destinatária de seus serviços. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D0012.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0012.htm)>. Acesso em: 13 dez. 2011.

<sup>10</sup> Instituição de direito privado, sem fins lucrativos, que tem como objetivo apoiar o desenvolvimento científico, social e tecnológico da Amazônia. Atua como gerenciadora de recursos nas mais variadas áreas do conhecimento. Criada em 1977 para dar suporte às atividades da Universidade Federal do Pará (UFPA), a FADESP, hoje, é um dos grandes agentes estratégicos da região Norte. Disponível em: <[www.fadesp.org.br](http://www.fadesp.org.br)>. Acesso em: 15 dez. 2011.

formada por docentes, discentes e técnicos que discutem questões relacionadas ao Envelhecimento Humano.

Segundo Maria Leonice de Alencar, “no decorrer desses anos, várias dificuldades e desafios são enfrentados pelo Programa para sua consolidação, tais como, carência de recursos materiais, financeiros e humanos, visão preconceituosa e discriminatória da comunidade acadêmica sobre a velhice” (ALENCAR, 2011).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicados em 2010, o Brasil possui vinte e um milhões de idosos e 603.379 são paraenses. Com esses novos desafios e os novos movimentos sociais que surgem, a UNITERCI/UFPA atende dispositivos da Política Nacional da Pessoa Idosa e do Estatuto do Idoso<sup>11</sup>.

Ao longo desses 20 anos o Programa atendeu 28 turmas em uma média de 3000 idosos e idosas, foi campo de estágio a 77 alunos da graduação em Serviço Social, sendo também espaço de pesquisa da pós-graduação, atuou junto a comunidade e entidades parceiras (UNITERCI/UFPA, 2011).

Considerando - se um “Programa de Ensino-Pesquisa-Extensão”, a UNITERCI/UFPA tem as ações de ensino desenvolvidas a partir das disciplinas estágios curricular e disciplinas eletivas que tratam de temáticas articuladas à formação, bem como a problemática social do idoso. Já a extensão no Programa é implementada a partir da materialização dos projetos, com oficinas, palestras interativas, troca de experiências, jornadas, dentre outras, com parcerias institucionais. A pesquisa realizada na UNITERCI é desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento Humano na Amazônia - SENECTUS, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heliana Baia Evelin Soria, assistente social, que focando as políticas sociais, direitos e cidadania, questão de gênero, violência, entre outros temas que possam contribuir para a cidadania, a liberdade e a dignidade da pessoa idosa.

Entre os objetivos do Programa estão possibilitar a atualização cultural de homens e mulheres a partir de 60 anos da Região Metropolitana de Belém, contribuindo para seu desenvolvimento e participação sócio-política na comunidade; apropriação de novos conhecimentos, habilidades, e valorização das pessoas idosas como sujeitos de direitos.

---

<sup>11</sup> Aprovado em outubro de 2003 e sancionado pelo presidente da República no mês seguinte, o Estatuto do Idoso amplia os direitos dos cidadãos com idade acima de 60 anos. Mais abrangente que a Política Nacional do Idoso, lei de 1994 que dava garantias à terceira idade, o estatuto institui penas severas para quem desprezar ou abandonar cidadãos da terceira idade. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/guiaidoso/>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

Além disso, buscam envolver a Comunidade Universitária de forma interdisciplinar nas questões relacionadas ao Envelhecimento Humano, consolidando um campo para o Ensino/Pesquisa e Extensão; e instrumentalizar os alunos de distintos cursos da Graduação da UFPA para o trabalho com pessoas idosas.

Sobre a relação com outras instituições, a UNITERCI participou da elaboração da Política Municipal do Idoso, do Fórum Metropolitano da Pessoa Idosa, realizado em 2007, da assessoria para implantação de projetos em outras IES, tendo como modelo o Programa UNITERCI.

O Programa é composto atualmente por cinco projetos: “Atualização Cultural na Terceira Idade”; “A Terceira Idade na Amazônia Arte e Cultura”; “Corpo, Movimento e Qualidade de Vida na Terceira Idade”; “A Terceira Idade em Educação Permanente nas áreas de graduação da UFPA”; “Observatório da Violência contra Idosos”; e “Ação Inclusão Digital”.

## 5. CONSIDERAÇÕES

A pesquisa a ser realizada no projeto “Ação Inclusão Digital”, da UNITERCI/UFPA nasce, portanto, do desafio de pesquisar a partir da especificidade da área da Comunicação a inserção das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação no cotidiano dos idosos, compreendendo o processo de produção e compartilhamento de sentidos entre os sujeitos, que se realiza através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido no contexto sócio-cultural sobre o qual atuam e sobre o qual recebem reflexos (FRANÇA, 2001).

Braga (2011) afirma que objetivar a dimensão comunicativa nos diversos procedimentos humanos é procurar perceber o que é resultante de (ou referente a) processos mais amplos de trocas simbólicas e de interações que sobre-determinam o que aí se faz, ou seja, perceber como tais ações específicas sobredeterminam os processos de comunicação aí envolvidos.

O objeto da comunicação não pode ser apreendido enquanto “coisas” nem “temas”, mas sim como um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional – nosso esforço é o de perceber *processos sociais em geral* pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno (BRAGA, 2011, p. 66).

Dessa forma, verificando como as Tecnologias da Informação e da Comunicação estão inseridas no cotidiano dos idosos que participam do projeto “Ação Inclusão Digital” da UNITERCI-UFPA, estou buscando compreender os processos comunicacionais que se desenvolvem. E, ao caracterizar suas interações com as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, pretendo identificar se ocorre algum novo modo de relação entre os processos simbólicos, que constituem o cultural, no dia-dia desta população em crescimento contínuo.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Leonice da Silva de. UNITERCI: 20 anos de história. Opinião. **Beira do Rio**, Belém, Out. 2011, p. 6. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php/2011/130-edicao-98--outubro/1254-opiniao-UNITERCI-20-anos-de-historia>>. Acesso em: 25 Jun. 2012.

BARBOSA, Alexandre; CAPPI, Juliano; JEREISSATI, Tatiana. **Pesquisa TIC Domicílios 2011**: coletiva de imprensa. 2012. Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/tic/2011-total-brasil/apresentacao-tic-domicilios-2011.pdf>>. Acesso em: 25 Jun. 2012.

BRAGA, José L. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, jan./abr.2011.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

\_\_\_\_\_. Negócios eletrônicos e a nova economia. In: **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001, p. 56-93.

CASTRO, Juliana Vasconcelos de. O resgate da dignidade humana do idoso através do trabalho. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 16, n. 2884, 25 maio 2011. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/19188>>. Acesso em: 20 Jun. 2012.

FRANÇA, Vera. **Paradigmas da comunicação**: conhecer o quê?. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 10, 2001, Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2010.

JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, Ann. **O mal estar no pós-modernismo**: teorias e práticas. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1993, p. 25-44

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MESSINA, Mônica. **Dimensões do envelhecer na contemporaneidade**. In: Estados Gerais de Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:

<[http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/5b\\_Messina\\_26250803\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5b_Messina_26250803_port.pdf)>

Acesso em: 20 Jun. 2012.

SCHNEIDER, Nácia Helena. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) promovendo o processo educacional. In: BRITTOS, Valério Cruz (Org.). **Digitalização e práticas sociais**. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2009.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: Unesco, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

UNITERCI/UFPA. **UNITERCI 20 anos**. 2011. (Folder)

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.